

O convívio (viver com) com o educando, seus familiares e com a realidade em que se encontram faz com que os educadores os aceitem, para com eles aprender e, ao aprender, trabalhar para e com eles. A aceitação, respeito e consideração se fazem presentes como primeiras lições a serem aprendidas pelo educador social escolar.

***Margareth Martins de Araujo***

# Formação permanente de educadores sociais: um desafio à universidade

## Permanent training of social educators: a challenge to university

<http://dx.doi.org/10.18316/2237-8049.2016.9>

MARGARETH MARTINS DE ARAUJO\*

*"Não só os pobres e os oprimidos gritam. Gritam as águas, gritam os animais, gritam as florestas, gritam os solos, enfim, grita a Terra, como superorganismo vivo. Chamado Gaia. Gritam, porque são sistematicamente agredidos."*  
Leonardo Boff

### Resumo

Os estudos sobre a Pedagogia Social têm crescido muito nos últimos anos. Trata-se de um conteúdo importante a ser abordado em cursos de formação de profissionais interessados em desenvolver uma ação social. Recentemente, a sociedade, por meio de seus mais diversos setores, bateu à porta da Universidade pedindo ajuda. A partir do momento em que escolas, hospitais, ruas e presídios se transformam em frentes reais de trabalho para o educador, a Pedagogia Social se faz necessária. Percebemos que a Universidade precisa chamar para si a tarefa de auxiliar na elaboração de alternativas dialógicas de superação das demandas pedagógicas atuais da sociedade. A formação inicial e permanente de professores precisa ser tocada pela Pedagogia Social para que, a partir dela, possamos incorporar fazeres pedagógicos de inclusão.

**Palavras-chave:** Educação Social. Formação de Educadores. Humanidade. Inclusão.

### Abstract

Studies on Social Pedagogy have grown in recent years. It is an important content to be addressed in professional training courses interested in

---

\* Doutora em Educação; Universidade Federal Fluminense; Email: [margarethmartins1@oi.com.br](mailto:margarethmartins1@oi.com.br)

developing a social action. Recently, society, through its most diverse sectors, asks the University for help. From the moment in which schools, hospitals, prisons and streets turn into real fronts for the educator, the social pedagogy becomes necessary. We realize that the University needs to draw on itself the task of assisting in the development of dialogic alternatives to overcome the current educational demands of society. The initial and ongoing teacher training needs to be touched by social pedagogy so that through it we can incorporate educational inclusion actions.

**Keywords:** Education Social. Education Training. Humanity. Inclusion.

Trabalhar com Pedagogia Social é trabalhar pelos vulneráveis e com eles; é compreendê-los como vítimas de um aparato social que desqualifica, exclui e desumaniza os homens. Atitudes oriundas de um paradigma que, através dos tempos, produziu a morte de muitos sonhos e da possibilidade de superação do estado de indigência em que jovens, crianças e suas famílias são expostas em nosso país.

Considerando ser também agredido o meio ambiente em que os seres em vulnerabilidade habitam, importa ressaltar Carlos Ernani Constantino, ao afirmar:

*O meio ambiente não é uma res nullius, isto é, uma coisa de ninguém, mas uma res communis omnium, ou seja, uma coisa pertencente a todos os homens, um precioso acervo que diz respeito não somente a determinado local, a um país, porém a toda a humanidade, visto que todos os cidadãos deste Planeta Azul, chamado há milênios de Terra, têm o direito, por si e pelas gerações futuras, à continuidade da vida, de forma saudável e adequada, e, para isso, é necessária a preservação do equilíbrio existente entre todos os elementos naturais, artificiais e culturais componentes deste segmento por nós ocupado no espaço (CONSTANTINO, 2001, p. 19).*

O mesmo tratamento dado aos seres que na Terra habitam também é estendido ao planeta. O desrespeito e a desumanidade já não se distinguem, somos frutos de uma concepção opressora de sociedade, de homem e de mundo que resultou, nos últimos anos, na aniquilação de gerações inteiras. Ao privatizar o bem coletivo, os governantes destroem também os sonhos, as culturas e as memórias das citadas gerações. Como tudo está interligado, morrem pessoas, o planeta; morremos todos em cada vítima.

A construção da vulnerabilidade é a construção da interdição, do alijamento, da opressão e da desigualdade. Passa pela ganância, pela arrogância e desumanização. É reforçada pela certeza da impunidade que historicamente habita o nosso país. O ser humano "coisificado" não conta, não é considerado pelas políticas públicas e vidas se esvaem por entre as

mãos opressoras daqueles que por obrigação deveriam delas cuidar. É uma verdadeira moenda através da qual, geração após geração, indivíduos deixam de existir com dignidade.

Urge enxergarmos o ser humano como portador de direitos. Independente da cor de sua pele, credo ou conta bancária, são pessoas que necessitam de respeito e consideração. É preciso, portanto, humanizar a humanidade, dando um basta a todas as formas de opressão.

Discutir sobre a formação de educadores sociais implica investigar as relações estabelecidas entre o ensino superior e a educação básica em nosso país, considerando que é nas instituições de ensino superior que os profissionais que atuam na pedagogia social adquirem sua formação inicial, e, como mostra a literatura da área, a natureza e a qualidade desta formação têm forte impacto sobre o exercício da profissão.

A presente pesquisa tem por objetivo averiguar os limites e as possibilidades encontrados pela universidade ao formar educadores sociais. Trata-se de uma questão temática construída a partir dos estudos de doutorado (UNICAMP/2003-CAPES) e aprofundada nos Cursos de Extensão em Pedagogia Social e, no último ano, no de Especialização. O principal desafio se constitui em compreender como a universidade da atualidade, formatada a partir de um paradigma comprometido com a exclusão dos já excluídos, poderá engajar-se de maneira competente com a formação de educadores sociais.

A fundamentação teórica com a qual trabalhamos se ancora, principalmente, em três autores, os quais formam o tripé da pesquisa, assim como o dos cursos desenvolvidos, a saber: Paulo Freire (2007), ao discorrer sobre os saberes necessários à prática educativa; Edgar Morin (1990), ao discutir a introdução ao pensamento complexo; e Roberto Silva (2009), ao refletir sobre Pedagogia Social.

A metodologia de pesquisa assumida guarda sintonia com a obra da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985), sendo constituída a partir do movimento da própria pesquisa e captura, a partir dos movimentos de interação e de interlocução e da dinâmica constituída e constituidora existente entre os sujeitos envolvidos. Como discussão dos resultados, ainda que preliminares, trouxemos alguns questionamentos construídos durante o processo vivido: qual é o perfil do professor universitário que forma educadores sociais? O que os move para essa formação? São compromissados com qual modelo de homem, de sociedade e de mundo? Como compreendem a formação permanente do educador social? Como percebem a situação dos vulneráveis, as dinâmicas que os constituem como tal e quais as alternativas de superação possíveis para serem propostas pela universidade?

Embora ainda em andamento, nossa pesquisa aponta, em seus resultados parciais, para dois aspectos, principalmente: um que se constitui em facilitador e outro, em oposição a esse, para o desenvolvimento de um trabalho no âmbito da universidade voltado para a formação do educador

social na perspectiva emancipadora. Por se traduzirem em situação contrária, importa destacar que os percebemos de forma dialógica, compondo o todo de uma mesma realidade.

Se, por um lado, há, por parte de alguns professores, a compreensão da importância do trabalho a ser realizado, por outro, há a necessidade de embates permanentes, de cunho teórico-prático que os envolve, sendo necessário lutar para realizá-lo. Essa tensão, ao mesmo tempo que os fragiliza, também os potencializa, pois compromete-os, de forma profunda, com o que fazem. Embora com muita luta, fazem-no com maestria. É possível afirmar tratar-se de um paradoxo no qual a vida e a morte dos ideais emanados da Pedagogia Social sobrevivem, dia após dia, transformando-se em realidade.

A Pedagogia Social é construída a partir do chão da escola. É nela, com ela e por ela que muitos educadores, envolvidos pelos desafios oriundos da existência profissional, aprendem o ofício de ensinar aos considerados, pela pedagogia tradicional, como impossíveis, interditados e incapazes para o aprender. O alvo do trabalho pedagógico social consiste em considerar o educando imerso em sua complexidade cotidiana, inclui seus familiares, educadores, escola, grupos sociais e comunidade, com biografias e histórias marcadas historicamente pela exclusão.

## Sobre caleidoscópio, identidade e configurações

*“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”*

João Guimarães Rosa

Há muito dedico meu fazer docente ao convívio e à formação de educadores sociais. O convívio (viver com) com o educando, seus familiares e com a realidade em que se encontram faz com que os educadores os aceitem, para com eles aprender e, ao aprender, trabalhar para e com eles. A aceitação, respeito e consideração se fazem presentes como primeiras lições a serem aprendidas pelo educador social escolar.

Seria possível tal aprendizado a partir apenas dos bancos da universidade? Constituem-se em conteúdos eleitos para o curso de formação de professores? A quem interessa formar professores, para uma realidade tão diferente? Quem se responsabiliza pelo ensinar das crianças em contexto de emergência? Que tipo de sociedade, de homem e de mundo ajudaremos a formar a partir do nosso trabalho? Essas são algumas das questões que acompanham os educadores sociais escolares inconformados com o não aprendizado de educandos capazes de trabalhar, sustentar suas famílias, dar troco em várias moedas e de se comunicar com turistas em idiomas diferentes do seu.

Inconformismo, em casos como este, transforma-se em força motriz capaz de propiciar o aperfeiçoamento de práticas educacionais voltadas para os reais interesses de educandos com características sociais e econômicas semelhantes às aqui mencionadas. Refiro-me às práticas pensadas e organizadas para auxiliar na superação de situações limitadoras, excludentes e desafiadoras. Interessante lembrar: são desafiadoras também para os educadores comprometidos em trabalhar com crianças, jovens e suas famílias, marcados por uma existência de luta, dor e privações. Eles têm muito a nos ensinar se dispostos estivermos a aprender.

Abraçar o trabalho em contexto de emergência nos exorta a aceitar as mãos estendidas das crianças e de suas famílias para com elas conviver e aprender sobre suas histórias de vida, experiências, cultura e conhecimento. Aprender sobre suas lógicas, possibilidades e limitações. Aprender sobre eles e com eles. Entrar em seu universo, fazer parte do seu cotidiano e, o mais importante, permitir que esse universo participe da sua vida profissional, para que, uma vez por ele tocada, sinta-se como parte dele para, assim, tomar parte. É importante compreender que o educador social escolar precisa colocar o seu conhecimento a favor dos educandos e de suas famílias.

Denominamos educador social escolar reflexivo aquele professor que trabalha em escola regular e passou pelo processo de redescobrir a importância de sua profissão ao dialogar com sucesso com seus educandos, responsabilizando-se por eles e proporcionando êxito para ambos. Ele os considera, respeita suas histórias de vida e promove aprendizados a partir da reflexão sobre a prática. O educador social escolar reflexivo investe na sua formação permanente e sabe que o sucesso do seu fazer depende, em grande parte, da reflexão de que é capaz de realizar sobre o vivido.

O ensino como prática reflexiva em Schön (1992), a autorreflexão, possui duas instâncias: reflexão na ação e reflexão sobre a ação (visão retrospectiva da compreensão adquirida ao tratar o caso concreto). Admitir a importância da reflexão na ação e sobre a ação é reconhecer que os processos humanos são mutáveis e que os problemas que deles derivam, por mais complexos que sejam, não são inexoráveis, são passíveis de mudança; é compreender que os homens e suas instituições não estão prontos e acabados, existem em devir. Reafirmamos algo aprendido com um grande educador, Andrade: "É pensando no acontecimento das coisas, que as coisas acontecem".

É possível afirmar então que, independente do grau de ensino em que se trabalhe, educação e pesquisa são indissociáveis. A reflexão é a base de todo o processo educativo, comprometido com o aprender profícuo dos educandos. O educador, sem pesquisa e sem reflexão, será um mero reprodutor.

Ao compreender a sua prática e a prática do outro, o educador social escolar reflexivo fortalecer-se-á e emancipar-se-á; passará a pensar a partir da sua própria lógica, dos seus próprios interesses. Assenhorar-se-á pessoal e profissionalmente e construirá um fazer educacional respaldado pelo

exercício cotidiano do entendimento de suas formas de ser e de estar no mundo. Enfrentará o binômio criação-decisão como forma de crescimento e superação de si e da forma como trabalha.

É preciso encontrar saídas criativas para os desafios diários, é preciso encontrar saídas para continuar firme em seu propósito pedagógico e, acima de tudo, é preciso encontrar saídas para o convívio desafiador que se constitui no lidar com o outro e instigá-lo a conhecê-lo permanentemente. Nossa forma de trabalhar está impregnada de nós mesmos, e da forma com a qual e pela qual as concebemos e fazemos.

A pesquisa em Pedagogia Social implica considerar a complexidade de múltiplas relações de poder que emergem de sujeitos individuais e/ou coletivos. Trata-se de uma pesquisa que ultrapassa o poder de saber existente no interior da escola. Trata-se de mergulhar na vida da escola, uma vida que oculta e revela tensões, conflitos, discordâncias, rupturas, mas também parcerias e consensos. A possibilidade de poder pensar e fazer outra escola facilitará a organização de outro currículo, outra construção de conhecimentos e saberes.

Ao pedagogo social reflexivo cabe o exercício da alteridade profissional, trazendo sentido e prazer ao pensar e fazer coletivos. Cabe também perceber a escola como espaço/tempo de onde emerge o desafio plural, multifacetado e, portanto, complexo. A partir do hábito implantado, dificilmente dele nos afastamos.

Aprender sobre outras práticas também faz parte do perfil do educador social escolar reflexivo. É possível afirmar, então, ser sua prática uma iniciativa coletiva, plural, múltipla. Aprender a ouvir se constitui, então, em tarefa desafiadora. Afirmamos ser a prática pedagógica produtora de novos saberes para aqueles que se permitem com ela aprender. Pensar coletivamente uma instituição educacional e seus rituais pedagógicos significa ser necessário ao educador construir um respaldo teórico e colocá-lo em diálogo com a prática em que está imerso.

O educador social escolar reflexivo, ao trabalhar de forma coletiva, sem processos de marginalização e exclusão, valorizará a adversidade de pensamento dos educadores que constituem o coletivo escolar. Ao agir a partir dessa ótica, perceberá ser menos difícil encontrar alternativas de superação dos desafios a ele diariamente impostos e, compreenderá a força existente no trabalho coletivo e integrado. É aprendendo uns com os outros que se fortalecerá e tomará em suas mãos o processo educacional. Com humildade, ética, coragem e cumplicidade assumirá sua parte na construção da pedagogia social escolar.

Há uma consequência visível decorrente do trabalho coletivo integrado que transforma a sala de aula em local das possibilidades, das múltiplas lógicas, das inúmeras formas de ser e estar no mundo; que a transforma em local humanizado, onde o conceito de pertencimento ao grupo ganha um sentido à frente dos interesses individuais. Nesse processo, é possível

compreender, acatar e respaldar a percepção de que todos são capazes, cada um a seu modo e tempo; e, se todos são capazes, as visões hierarquizadas de sociedade, de homem e de mundo caem por terra. Movimentos pedagógicos de agrupar, classificar, hierarquizar para excluir perdem sentido. Descobrir e respeitar, de forma interativa, os educandos como portadores de múltiplas lógicas, faz com que o educador social escolar reflexivo assuma uma postura multicultural, solidária e transgressora, para que se aproxime da forma pela qual os educandos interpretam o mundo.

A compreensão do pertencimento gera na relação humana e, em especial, na pedagógica, a clareza de que o individual pertence ao coletivo, e propicia, principalmente, sentimentos de solidariedade, fraternidade e compaixão de uns para com os outros. É também na sala de aula que os valores de convivência humana podem e devem ser aprofundados. Modelos excludentes que ainda habitam as salas de aula não cabem nas práticas cotidianas dos educadores sociais. É preciso compreender para conviver.

Nesse contexto, o conceito de competição, diferente do informado pelo capitalismo, é colocado no interior da pessoa que passa a compreender que a superação dos próprios limites é a base do seu sucesso. Troca, respeito mútuo e ética integram a pauta a ser vivenciada pelos educandos e são aprendidos no convívio diário com o outro. Importa ressaltar que estes são conteúdos que não podem ser transmitidos, apenas aprendidos na e com a prática; a partir da educação pelo exemplo e da valorização humana. São valores urgentes em nossa sociedade, independente do grau de vulnerabilidade em que a pessoa se encontra. Independente também de situação financeira, cor da pele e credo. São valores pertencentes à raça humana, sem os quais não sobreviveremos.

Essa postura fará com que o educador social escolar reflexivo tenha suas ações perfiladas com a de outro paradigma, o da complexidade. Para Morin (1990, p. 20), “a complexidade é um tecido que (complexus: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”. Afirma ainda o autor (Ibid., p. 21), “tratar-se de evitar a visão unidimensional, abstrata. Para isso, é preciso previamente tomar consciência da natureza e das consequências dos paradigmas que mutilam o conhecimento e desfiguram o real”.

A categoria pertencimento, tomada de empréstimo da física quântica, faz parte de um paradigma em que o julgamento dá lugar à compreensão, fazendo nascer uma pedagogia voltada para a inclusão dos excluídos e, portanto, para o sucesso deles. O sucesso de educandos e educadores acarreta o da escola. O sucesso da escola acarreta, conseqüentemente, o da sociedade.

Conteúdo e forma constituem parte importante do fazer pedagógico social, capaz de transgredir o instituído, no sentido de contribuir efetiva e proficuamente para a contextualização de uma escola voltada para as reais necessidades de seus educandos. Escolas inseridas na realidade cotidiana



dos educandos, que a consideram para com ela lidar, fazem parte das exigências dos contextos de emergência. Faz-se extremamente necessário que haja coerência entre o dito e o vivido no contexto em questão.

Falamos da construção de uma escola que se pensa, conhece-se e não trama contra si. Falo de sujeitos sociais encarnados que, independente do lugar que ocupem na instituição, já não têm mais forças para prosseguir. É a partir desse limite que novas práticas surgirão apontando outros caminhos compostos de múltiplas possibilidades.

Tentar não se conformar com a situação de indigência na qual grande parte da população brasileira se encontra, aprender com ela e sobre ela para ensiná-la cada vez mais e melhor é um grande desafio. Não se trata apenas de um sonho, mas de uma realidade possível que já se encontra entre nós, na figura de educadores sociais da escola, que reinventam cotidianamente o seu fazer.

Denominamos contexto de emergência todo o espaço educacional que abriga o trabalho com crianças em situação de vulnerabilidade. Por esse motivo, consideramos o chão da escola um contexto de emergência. São famílias que sobrevivem com uma renda mensal abaixo de cem reais à aridez da vida, lutando contra tudo e contra todos; aceitam o desafio de fazer de cada dia um dia e de vivê-lo como podem. Sem grandes perspectivas, enfrentam, corajosamente, a dura e cruel realidade que as cerca. São famílias inteiras que, pela escassez de recursos de toda ordem, não conseguem planejar suas vidas para além de vinte e quatro horas. Vivem um dia de cada vez, não por desorganização ou má conduta; fazem-no por não conseguirem (por causa das dificuldades cotidianas) projetar para o futuro suas vidas e, como costumam dizer: – “Está tão ruim, tão ruim, que estou vendendo o almoço para comprar a janta”, ou ainda: “A situação está russa!”.

Importa saber que se trata de uma cruel conjuntura econômica na qual os vulneráveis se encontram geração após geração, resultando em permanente desafio à escola. Torna-se necessário o conhecimento da realidade em que os educandos e suas famílias estão inseridos, por parte dos educadores sociais e seus formadores. A universidade que se pretende na atualidade não se deve encontrar alheia a este fato, precisa considerá-lo ao formar seus graduandos, descartá-lo seria como preparar profissionais para lidar com alunos idealizados e não com os que realmente habitam as escolas.

Desenvolvermos teorias, métodos e técnicas capazes de comunicar, com sucesso, o conteúdo a ser aprendido é necessário e funcionará como mais um elemento aglutinador do fazer decente. Precisamos compreender sobre a necessidade urgente de nos colocar a serviço dos vulneráveis, pois são eles que estão à nossa frente, em busca do aprender. Desconsiderá-los é colocar em risco a própria educação, a nós mesmos, pois sem o sucesso dos educandos, a educação deixa de ter sentido.

É possível fazer educação social dentro dos muros da escola, nossa pesquisa mostra isso a todo o momento. Educadores comprometidos

com a aprendizagem dos educandos optam por um ensino que passa pela comunicação, pela compreensão do comunicado e pela pertinência do conteúdo da comunicação. O educador social escolar descobre ser a comunicação a chave que abre a porta da dinâmica educacional escolar. Por esse motivo nela investe e se descobre capaz de ser ouvido por seus educandos. Observem o que diz Mara, uma educadora social escolar por nós acompanhada:

*Levei muito tempo para compreender que não adiantava muito o domínio do conteúdo a ser ensinado, algo estava errado e precisava descobrir o que era. Após muitas tentativas sem êxito, muitas notas vermelhas e conselhos por parte de alguns professores para não me importar e um profundo sentimento de insatisfação, passei a conversar com meus alunos sobre como gostariam que as aulas fossem e, por incrível que pareça, eles responderam:  
– “Assim!”*

*Palavra mágica que mudou para mim todo o sentido de ser professora. Descobri que ouvi-los seria o pontapé inicial para uma boa partida. Partida de que? De aula. Já pensou na aula como partida? (Dez anos de magistério).*

Apesar dos dez anos de magistério, Mara só se tornou uma educadora social escolar nos últimos três e admite estar enamorada da educação. Redescobriu-se profissionalmente e voltou a estudar. Em conversas com outros professores, tenta mostrar que é possível mudar uma situação adversa.

Educadores como Mara chegam à universidade com sede de conhecimento, querendo compreender mais e melhor sua prática para com ela tornar-se útil aos educandos, a eles e à escola. Sabem que assim como podem, os demais poderão. Passam a fazer parte de um grupo capaz de se autoavaliar, pensar a escola e modificar o rumo em que se encontram. Como cada elo de uma corrente do bem-estar pedagógico, preenchem a escola com possibilidades transgressoras e multiplicam práticas de sucesso.

Com Mara aprendemos sobre a necessidade de formar educadores pesquisadores de sua própria prática, capazes de considerar o diálogo como fonte inspiradora do seu fazer. O desenvolvimento de uma escuta sensível (BARBIER, 1994) por parte de educandos e educadores se faz necessário para ao exercício dialógico do convívio escolar. Os educadores, certamente, terão a possibilidade de ensinar cada vez mais a cada um de seus educandos. Eis um dos princípios da pedagogia social.

Cada princípio aqui exposto aparecerá ao longo do texto constituído por várias formas e configurações. Ora na universidade, ora na escola básica, ora em seus atores sociais, eles dialogam, interpenetram-se, produzindo múltiplas e complexas configurações compostas por inúmeros matizes.

## Referências

---

- BARBIER, René. Sobre o imaginário. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 15-23, jan/mar. 1994.
- BOFF, Leonardo. **Do Iceberg à Arca de Noé: O nascimento da ética planetária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002.
- CONSTANTINO, Carlos Ernani. **Delitos Ecológicos**. São Paulo: Atlas, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**, Paz e Terra, São Paulo, 2007.
- GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire – Uma bibliografia**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Instituto Piaget, Lisboa, 1990.
- SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SILVA, Roberto. **Pedagogia Social**. Expressão e Arte Editora, São Paulo, 2009.
- THIOLLENT, Michael. **Metodologia da Pesquisa-ação**. Cortez Editora Autores Associados, S., 1985.